

Superávit comercial vai acabar, diz Bacha

CARLOS FRANCO

RIO — O Brasil tem reservas cambiais de US\$ 42 bilhões, resultantes, segundo o assessor especial do Ministério da Fazenda, Edmar Bacha, de um volume médio de exportações de US\$ 40 bilhões para importações de US\$ 25 bilhões nos últimos três anos e de uma entrada anual líquida de capital externo de US\$ 5 bilhões no período. Isso deu origem a reservas cambiais médias de US\$ 10 bilhões ao ano.

A meta do governo com as medidas de desregulamentação, disse, é de que no ano 2002, por exemplo, as exportações totalizem US\$ 60 bilhões e as importações, US\$ 75 bilhões, além de entrada líquida de US\$ 15 bilhões. O volume de reservas nesse caso seria de zero. Em compensação, os investimentos no País de capital estrangeiro chegariam a R\$ 15 bilhões ao ano.

O ex-ministro da Economia e consultor da Merrill Lynch Marcílio Marques Moreira disse que a troca da dívida interna pela externa, defendida pelo diretor da área externa do Banco Central, Gustavo Franco, é a for-

José Varella/AE



Bacha: vai aumentar o investimento

ma mais eficaz de se reduzir o volume de reservas em sintonia com o plano. Para Marcílio, foi importante atingir esse volume de reservas para que o País tivesse mais cacife na negociação com os credores.

Marcílio não vê como um problema o atual volume. O que o preocu-

pa é o descasamento entre a remuneração dessas reservas e dos recursos internos. Por isso, explicou, o estímulo à troca de dívida interna por externa por meio da abertura de contas no Exterior e "até internamente dentro do processo e estabilização" é a forma mais eficaz para administrar esses recursos. O importante, assinala Marcílio, é que as entradas de capital estrangeiro sejam dirigidas a investimentos de perfil mais alongado.

O diretor do Banco Cindam, Luiz Chrysóstomo, acha razoável que se chegue à previsão de Bacha, mas assinala que é necessário um agressivo programa de privatização nos próximos quatro anos, incluindo a quebra de monopólios estatais nas áreas de telecomunicações e petróleo. A estabilização, disse, é um processo para a reversão dos fluxos de capital de investimento, ao contrário daqueles que

procuraram no País apenas as melhores taxas de remuneração.

Segundo Chrysóstomo, o volume de reservas cambiais do País é expressivo e permitiu um "bom acordo da dívida". A etapa seguinte, para evitar pressões sobre a emissão de moedas, disse, é a desregulamentação no segmento de comércio exterior e a continuidade do processo de estabilização, que estimulará o fluxo de investimentos externo de mais longo prazo. Pelos seus cálculos, os recursos externos nas bolsas brasileiras somam US\$ 15 bilhões, mas podem ser ampliados com a estabilização. Chrysóstomo acha que a economia brasileira ainda é muito fechada e que a redução de alíquotas de importação estimula um melhor equilíbrio da balança comercial e o aumento dos investimentos.

Tudo dependerá, no entanto, afirmou, da consistência do programa de privatização e das reformas tributária e previdenciária, além da revisão do papel do Estado na economia. "Essas questões são fundamentais para o processo de estabilização e a ampliação do fluxo de capital externo para investimentos de médio e longo prazo."